FREGA MEETS SUNDAR



FERDINANDO FREGA

FREGA ENCONTRA SUNDAR

THE COMPANY · 11

De Reggio Calábria a Chennai, no rastro de Sundar Pichai.

Quando ouvi esse nome pela primeira vez, me perguntei seriamente quem caralho era aquele cara. Todo mundo falava dele. Ele quase tinha tomado o lugar do Nazareno — só que não tinha 2.000 anos. Tinha apenas 54 e vinha daquela terra magnífica chamada ÍNDIA.

O único lugar do mundo onde se respira ar inglês, mas se vive com a cultura e a elegância asiáticas, dentro de uma mistura de 22 línguas, onde vivem permanentemente quase 1,5 bilhão de pessoas.

Mas voltemos à nossa história: esse nome estava ligado a uma empresa chamada ALPHABET. Eu também não sabia quem eram. Pensei que fosse uma espécie de consórcio criado para os analfabetos do mundo, aqueles que nunca tinham tido a sorte de aprender a ler e a escrever. Depois percebi que não estava totalmente errado, porque era exatamente disso que ela tratava — só que os textos, a leitura e a literatura viviam dentro da web, que usava dois códigos: o decimal humano e o binário algorítmico.

Eu tinha curiosidade de entender o homem, então, como Kipling, peguei um trem e viajei de Reggio Calábria até Bombaim, que hoje chamam de Mumbai.

Meu destino estava claro. Esperavam por mim em CHENNAI, no estado de TAMIL NADU, no sul da Índia, onde irmãos de loja iam me hospedar. Todos sabiam — da Grande Loja da Inglaterra para

baixo — que o Irmão Frega vivia com 70 dólares americanos por mês e não tinha o costume de pedir nada a ninguém.

Lá estava eu: finalmente tinha chegado. Estavam me esperando e me levaram para a casa deles, mas recusei e tentei, em vez disso, alugar um quarto. Uma estadia de três dias estava ao alcance das minhas possibilidades financeiras e cabia no meu orçamento.

Eu tinha só algumas horas para me acostumar com o território quando REGUNATHA chegou para me buscar. Para onde estávamos indo?

O INSTITUTO INDIANO DE TECNOLOGIA DE MADRAS.

Assim que chegamos, mal tínhamos passado pela primeira entrada da universidade, vi uma placa que me atingiu como um raio. O lema deles, em sânscrito, traduzia-se assim:

O SUCESSO VEM DA AÇÃO.

Fomos recebidos por dois professores, irmãos maçons, e comecei logo a lhes fazer perguntas sobre SUNDAR. Eu estava convencido de que ele tinha estudado em Madras na época em que eles ainda eram assistentes.

Os professores admitiram que sabiam quem ele era, embora na verdade ele tivesse estudado em KHARAGPUR. Mas aqui, disseram, todos nós o consideramos um dos nossos.

Antes de qualquer coisa, explicaram onde estávamos. Aquilo não era um campus universitário qualquer de Boston. Estávamos dentro de algo incrível: o IIT Madras tinha também capacidade de supercomputação por meio do IBM Virgo Super Cluster, que oferecia 97 TERAFLOPS de poder de processamento.

Que diabos aquilo significava, eu não fazia a menor ideia. Não entendo droga nenhuma de computadores, mas assenti com a cabeça porque, pelo tom deles, entendi que a afirmação era importante. E isso já bastava para eu estar ali.

Depois das formalidades, saímos dali, e REGUNATHA me disse que tinha uma surpresa para mim. Eu disse: “Tomara que não sejam mulheres. Tenho 61 anos e já não sou um rapaz. Hoje em dia as mulheres são a minha forma preferida de conversa, porque bebo da inventividade e da inteligência delas e me alimento de ambas.”

Ele disse que íamos ver uma mulher. “Mas fique tranquilo, Nando, não tem sexo no meio. Ela parece conhecer muito bem a pessoa que você está pesquisando, e você vai ver que ela não vai te decepcionar.”

“E além disso, você sabe que, antes de sermos maçons, somos homens livres e de bons costumes!”

“Sim, mas vamos ficar vestidos, por favor.” Hahahahahah.

Passamos pelo portão da casa dela. Uma moça nos recebeu. Devia ter uns 25 anos, mas não achei que fosse a filha de SUNDAR — e, de fato, era a sobrinha da mulher que nos esperava.

Ela nos acolheu e nos fez sentar no sofá dela. Ofereceu-nos o inevitável chá, mas, como bom calabrês, perguntei quando íamos comer. Fazia dois dias que eu vivia de água, e meu estômago já estava em greve. Ainda não tinha entendido que não estávamos na Itália.

A mulher se apresentou como RADHA e logo me fez perguntas diretas, já sabendo quem eu era.

Inclinei-me para REGUNATHA e sussurrei: “Radha, como aquela da Zoho?”

E ele, sem mudar de expressão, disse: “Não, aquela é mais jovem. Esta é mais sábia.”

Ela disse que tinha se divertido muito lendo A SAGA WILKINSON na gillettenarrative.com. Tinha lido a saga talvez 20 vezes e se reconhecido em certos trechos — na figura da tia dela. Depois, com um charme feminino arrebatador, apesar dos seus 90 anos, me perguntou se tudo aquilo era verdade.

Respondi com uma brincadeira simples: a verdade e a mentira são dois algoritmos da vida, e entre elas está a narrativa, que continua sendo a expressão visual da única pessoa que a escreve.

Ela sorriu, mas não se surpreendeu. Disse-me que era a única resposta que eu poderia ter dado. Revelava quem eu era sem dizê-lo. Era por isso que ela me daria informações sobre SUNDAR.

Quando era pequeno, ele vivia desenhando cem zeros, e ninguém entendia por quê. Um dia pôs um 1 na frente deles. Achamos que representava a sua futura conta bancária. Trinta anos depois, ele trabalhava para uma empresa chamada exatamente assim: Google, de googol, um 1 seguido de 100 zeros.

Todos sempre estiveram prontos a pôr a culpa desse defeito no trabalho de estenógrafa da mãe dele. Mas estávamos só no começo, e hoje entendemos que o defeito com que ele nasceu acabou se revelando nada mais que a perfeição.

Soubemos de fonte segura que um dia, curiosa como sempre, a mãe perguntou ao filho como o banco conseguia lhe mandar um saldo bancário com 12 zeros. Ele respondeu: “Eles escrevem os números à mão, em letra cursiva. Não tem espaço suficiente.”

Notei que, ao longo das histórias, a mulher e o irmão que me acompanhava — também um homem de idade — trocavam muitas vezes olhares cúmplices. Mas eu estava concentrado só no que estava fazendo e não parei para decifrar o código de comportamento deles.

Radha me contou que Sundar sempre tinha sido muito querido e que as mulheres muitas vezes o acompanhavam por causa da sua elegância, da sua inteligência e do seu charme. Quase um retrato meu, não fosse a diferença entre os nossos bolsos.

Quando chegou o momento, contei algumas histórias dos meus 40 anos de viagens por 65 países: histórias de uma vida, piadas e aventuras. A mulher parecia tão absorta que nos convidou para jantar. Mas, educadamente, decidi que aceitar não era a coisa certa. Eu ainda não estava pronto.

Quando estávamos saindo, ela me deu um pequeno bilhete de papel e disse: “Nando, me escreva quando quiser. Recebo a sua correspondência com muito prazer. E pode me chamar de titia — eu ficaria orgulhosa.”

REGUNATHA ria feito um louco, e eu não conseguia entender por quê. Disse que fazia pelo menos 30 anos que não se via numa situação daquelas. Pedi que me levasse de volta ao hotel, mas antes fiquei curioso o bastante para lhe perguntar:

“Desculpe, mas em que a sua esposa trabalhava?”

Sem pensar, ele respondeu: “Era estenógrafa.”

Eu estava a ponto de explodir, mas me contive. Nesse momento pedi que me deixasse perto do hotel. Encontraria sozinho um lugar para comer, e no dia seguinte iria embora.

Ele perguntou se eu precisava de mais alguma coisa, e o convidei para vir à minha casa na Calábria sempre que tivesse oportunidade. Eu teria o maior prazer em hospedá-lo — em lhe mostrar o que nós, calabreses, sabemos fazer bem em qualquer lugar do mundo.

Mas quem eram, de verdade, os personagens desta história?

Pessoas reais. Nunca lhes perguntei de onde vinham. Simplesmente aceitei a presença delas, porque é o que venho fazendo há 61 anos — e tenho certeza de que o mundo não me esquecerá.

E dentro do bilhetinho da senhora indiana encontrei uma mensagem que dizia: “Volte para mim sempre que quiser. Você é sempre bem-vindo.” Embaixo estava o endereço dela.

No dia seguinte voltei à estação. O trem parecia não querer partir, mas eu não sabia por quê. Talvez estivesse esperando por mim. Ou talvez tivesse entendido que, depois de MINHA ÁFRICA, um calabrês também podia ter MINHA ÍNDIA.

Ferdinando Frega
BLADEFREGA · Nando, o Escriba